



REI DE PAUS

As duas cabeças tocam-se levemente pelos lados, os cabelos misturam-se como duas copas de árvores, que lá nas alturas, trocam cumplicidades, completando-se no desenho e na função. Os dois rostos, prolongam-se através dos corpos ajoelhados e formam os lados dum triângulo quase equilátero cuja base assenta no berço que ondula no chão. O braço direito dele segura firmemente o tronco dela à altura do ombro e o braço esquerdo empurra em movimento de alavanca o topo do berço, imprimindo-lhe um suave baloiçar. Os braços dela, cruzados, repousam sobre o bordo superior do ninho de madeira, transmitindo ao corpo, em ondas sensuais, os prazeres do baloiço e ao espírito os perfumes do céu. Os seios nus, túrgidos, de bicos grandes de abundância, pendem sobre o leito, aspergindo convites para doces encantos. Os olhos de ambos caiem sobre a nobre figurinha, que descomposta e despudorada, oferece aos pais manjares de sorrisos e prazeres, que eles sugam até ao fundo da intimidade. O escultor Henrique Moreira, oferece-nos este magnífico cenário da família, adivinhando-se no ambiente esculpido com mãos de prata, as poderosas malhas afectivas do tecido humano. Na modesta gamelinha de pau, de base arqueada, repousa todo o oiro do mundo, que mãos divinas moldaram em forma de criança e mãos humanas receberam como feixes de luz que rasgam na noite dos tempos que hão-de vir os projectos da vida de cada um.

Aqueles pais foram também oiro de lei no fundo de um berço, lá num dia distante no escuro da vida; e a esta criança abre-se a probabilidade de rodar um dia para um dos lados laterais do triângulo descrito. Quando isso acontecer está cumprida a cadeia básica da existência do homem, que precisa do testemunho da vida, multiplicado noutro ser, para obter a sua transcendência. O pai, a mãe, os filhos e os avós, prolongam-se eternamente na vida, isto é, sobrevivem, através doutros filhos e doutros pais. A existência de cada um, porém, acaba quando além, lá longe aos noventa anos, ou ali mesmo aos cinco minutos a luz



se apaga para sempre. Pais e filhos constituem então a alternância que marca como um cristal de quartzo o compasso do tempo. O caminho da vida de uns e outros está pontuado de encontros fecundos que promovem a alternância. O amor e o desejo, enleados e fundidos, são os catalisadores dos encontros, oferecendo à natureza a possibilidade ímpar de produzir pequenos reis, que arrancados do nada, caiem num berço de pau, ao cabo de nove meses de viagem. Foi assim no Presépio de Belém, é assim nas esburacadas e poeirentas barracas de lata pregadas nas argolas que emolduram de miséria as grandes cidades, é assim nos ricos palácios, onde o persa das carpetes recebe com o mesmo júbilo as alpercatas da criada ou a pele brilhante dos sapatos das senhoras.

A família é assim composta de duas realidades. Uma vertical, biológica, eterna, transmitida através duma célula pequeníssima a quem cabe a sorte do encontro, a célula sexual, carregando milénios e milénios de informação genética, dando ao homem a plástica da vida, a versatilidade das aptidões e o império ilimitado do pensamento: avós, pais, filhos. Outra transversal, tecida apenas com as linhas do afecto, sem conteúdo genético, mas com força bastante para forçar a biologia, curvando-a às leis do amor: homem e mulher enquanto

Carlos Mota Cardoso

Psiquiatra

Professor convidado
da Faculdade
de Psicologia
e de Ciências da
Educação da
Universidade do Porto





amantes. Os primeiros são parecidos biológica e quase sempre também morfologicamente. “É a cara chapada do pai”, diz o nosso povo. Os segundos vão-se tornando cada vez mais parecidos, à medida que os anos vão fundindo e confundindo as duas existências. Num casal de velhos as figuras tendem a igualar-se, segundo nos avisa uma curiosa crença nórdica.

Então as sociedades são formadas por quadrículas, compostas por linhas verticais, tingidas pelas cores do sangue e linhas horizontais, traçadas de geração em geração com o lápis colorido do afecto. A árvore que está na nossa frente, de tronco liso e escuro, lambido na base por línguas de cal branca e musgo, é encapelada por uma frondosa copa verde, salpicada de pequeninas flores brancas que deixam cair sobre os nossos olhos os prazeres da sombra, da frescura e do perfume que marca o território das laranjeiras. O tronco lenhoso, enfeitado com remédio branco já foi, na sua mocidade, tenro e verde. Está agarrado às raízes duras e tortuosas que se plasmam na sombra pesada do subsolo. Também elas já foram, lá longe na vida, minúsculos cabelos expostos à quentura da terra batida pelo sol. As folhas brilhantes e verdes, as flores brancas que derramam calmantes perfumes e os frutos redondos, cujo nome baptiza a cor laranja, aproximar-se-ão do solo, que, finalmente, tudo engole nas suas entranhas, mas que tudo expõe de novo à luz do dia. Cumpre-se assim o ciclo de vida da laranjeira. Cumpre-se também assim o ciclo de vida do homem. O que se ganha em dureza, firmeza e profundidade, perde-se em exuberância, viço e voluptuosidade. Porém, nenhum tronco, por mais vertical e forte que seja, se aguenta sem as escoras firmes das raízes. Mas, com o tronco tombado no chão, as flores da laranjeira choram os últimos perfumes apenas por instantes. Na forja da natureza, o ferreiro celeste funde as leis que regulam as ligações das distintas instâncias do ciclo vital dos seres vivos entre si, impondo a justa indispensabilidade de uns em relação aos outros. A sequência acontece tal e qual também no homem. Em cada humano tardio existe a criança e o jovem que já foi. O velho fala todos os dias com o menino, o adolescente e o adulto que, em tempos diferentes, habitaram o corpo cansado e com mazelas que agora o transporta para a estação de destino. De mãos dadas, a criança, o jovem e o adulto, configurando momentos simbólicos da vida, formam, na consciência do velho, uma linha contínua e coerente. Freud dizia que “ser adulto é sobreviver a uma criança morta”. Tal qual o tronco da laranjeira, que, atizado pelo pudor, esconde as rugas do tempo com trapos de musgo e de cal branca. Nas suas entranhas está o viço de outrora e a rudeza do presente.

Filhos e pais, frutos e árvores desenham, assim, verdadeiras unidades vivas, cadenciadas pelas respectivas gerações segundo as leis da natureza, impondo à vida respeitos transcendentais e absolutos de natureza biológica, ética, estética e moral.

É neste contexto que abordaremos os três patamares humanos

que compõem a família nuclear no complexo jogo da vida. Filhos, pais e avós.

A criança nasce profundamente inacabada. Mais do que qualquer outro animal o homem precisa de muito mais tempo para conquistar a autonomia mínima que lhe permita evoluir na vida sem a dependência formal de outras pessoas. Abandonada a si própria, a criança, de facto, sucumbe ao cabo de algumas horas. Tem, portanto, um longo estágio ligado aos progenitores ou a quem os represente, o que lhe facilita o fortalecimento das malhas afectivas com as pessoas de quem depende. O pequeno mundo da criança vai-se alargando a pouco e pouco, ao sabor da descoberta das coisas que formam o seu ambiente físico e psicológico. O que vê, ouve ou sente é assim analisado, ainda de forma rudimentar, mas constituindo produtos psíquicos passíveis de ser guardados. As coisas, materiais e imateriais, são então classificadas e retidas. O pensamento da criança pequenina é riquíssimo em fantasia, o que lhe permite preencher as enormes lacunas do seu mundo inexperiente, pintando-as com as tintas mágicas da fantasia. Assim ela dá vida à boneca com que brinca, levanta cidades animadas de sol e de luz, transforma latas de conserva presas umas às outras por guitas de algodão em comboios de alta velocidade. Para esculpir e alargar o mundo, o mundo do seu conhecimento, a criança precisa de ferramentas poderosas. Aquela que lhe é mais útil e talvez aquela que melhor maneja é a curiosidade. Uma enorme e fantástica curiosidade de perfurar com os olhos e com a inteligência tudo que a rodeia. Dai a importância, diria que fundamental, do acompanhamento pedagógico da criança nesta fase da vida. A excelência destes dois elementos infantis, a fantasia - que permite construir e a curiosidade - que permite descobrir, quando guiados com sensatez (o senso natural de pai ou mãe é em regra adequado) conduzem a criança na direcção da saúde.

Do terreno fértil da fantasia, regado com o leite dos ensinamentos oriundos dos pais e arejado constantemente pela tal curiosidade, brota o primeiro esboço daquilo a que mais tarde se chamará o mundo dos valores. As noções do bem, do belo, da solidariedade e da generosidade espreitam pelas janelas infantis muito precocemente. A noção da finitude da vida, isto é, a noção da morte é exclusiva do homem, mais nenhum ser na natureza a experimenta e, na criança, aparece também muito cedo. Nesta matéria a fantasia tem um papel equilibrante fundamental. “O avô não acabou, foi para o céu; está serenamente deitado como que esperando por nós”. O avô sobreexiste no espírito da criança. A noção do deflagrar da vida e do começar a viver em família, encontra no fantástico mundo infantil os recortes da lógica possível nesta fase da existência, por forma a que a criança entenda, aliviada, a sua entrada em cena na existência. “Uma linda cegonha, atravessando o céu, trouxe, presa no bico desde Paris, a cestinha onde tu dormias.” Estas atitudes, típicas da nossa cultura, encerram



Leituras

em si toda a excelência da sabedoria do povo. Aliás, donde emergem, senão de arquétipos populares, as doces figuras do menino Jesus e do anjo da guarda? Que representarão elas no espaço mítico de cada um? Tão só os divinos protectores que fornecem à criança a segurança, que a fragilidade da sua existência nos primeiros anos de vida recomenda.

Onde se situará o cofre sagrado da magia que melhor rentabiliza a fantasia infantil? Exactamente nos avós. É por isso que as histórias contadas às crianças pelos avós ficam vincadas por toda a vida nos espaços íntimos de cada um. Fortalecer as amarras afectivas entre avós e netos, pelos complementos que fornece, quer no estimular da fantasia, quer na simplificação que promove nos segredos da vida, constitui o melhor caminho para atingir uma infância rica e feliz e uma personalidade equilibrada e saudável. As crianças que se habituam a ver nos avós os gestores mais fecundos das suas fantasias infantis serão exactamente aquelas que mais tenazmente se opõem à saída dos velhos das suas casas de família, para passarem a viver em lares colectivos.

Mas, não é só à criança pequena que o velho avô é útil. É também muito importante para a formação e educação do jovem. Tanto mais que o velho de hoje só é velho por contraposição com a escassa idade do jovem. As circunstâncias de vida e de saúde do mundo moderno produz avós em estádios de vida ainda muito produtivos. Pode-se falar hoje em dia com propriedade de jovens avós.

Falámos acima da aguda curiosidade da criança, uma curiosidade inespecífica, imediata, totalmente direccionada para o conhecimento das coisas e para a construção do mundo infantil. Ora, no jovem mais velho, mantém-se a curiosidade como instrumento indispensável para alargar e compreender o mundo à sua volta. Porém, esta curiosidade já não é uma curiosidade básica, inespecífica, mas sim uma atracção fantástica pelo conhecimento da vida na sua intimidade. Os pais dão conta que, a partir de certa altura, o jovem, particularmente quando alcança a sinuosa e complicada estrada da adolescência, torna-se mais reservado, mais reflexivo, escolhe outras companhias, outros livros, outros modos de vida. Por vezes entra em choque com os pais, com os professores, com as pessoas mais velhas. Em relação aos irmãos mais novos o jovem adolescente assume atitudes de arrogância e de desprezo. Trata-se duma fase crucial do desenvolvimento da personalidade e os educadores, particularmente os pais, devem estar muito atentos à travessia deste oceano encapelado. A turbulência das ondas tem que ver com um fenómeno que marcará toda a juventude e grande parte da vida adulta: a descoberta do sexo. A vida sexual, os seus segredos, os seus labirintos, os seus impulsos enigmáticos, inundarão toda a consciência do jovem adolescente e marcarão o compasso da sua vida nesta fase. Nesta matéria, os pais deverão dar espaço à compreensão do fenómeno, abrindo canais de comunicação fluida

e franca, prevenindo destemperos libertinos, mas sem reprimir e fingir. O senso e a humildade, dos dois lados entenda-se, serão, certamente, as balizas perfeitas da aprendizagem serena e gratificante. Os filhos, a partir da puberdade, vêem nascer dentro de si um curioso desejo de abandono do lar e partida para a conquista de espaços onde, futuramente, a vida irá ser jogada. É o período das exigências de saídas nocturnas, de fins de semana fora e férias longe dos pais. A compreensão destes fenómenos e a gestão adequada dos mesmos é, talvez, dos mais complicados exercícios de educação que os adultos terão de enfrentar. Mais uma vez o senso e a responsabilidade de todos os lados iluminarão o caminho ajustado a seguir, emprestando ao jovem o equilíbrio no comportamento e a ambicionada segurança.

Começam também nesta fase as grandes preocupações com os problemas do espírito e da existência. Não se admirem os pais de verem os filhos contestarem tudo e todos. Da política à religião, das questões da liberdade às questões da humanidade e dos valores que a devem conduzir, da cultura aos problemas do seu tempo; o jovem perde-se em discussões intermináveis que quase sempre o deixam repleto de desconfianças e dúvidas. O papel dos professores nestas idades é fundamental. Os jovens devem ser convidados e estimulados a ler livros, bons livros, que os ajudem a limpar as brumas do devir. No nosso país os pais, fruto das dificuldades económicas e sociais que atravessaram as suas vidas, nem sempre estão apetrechados para responder às múltiplas e difíceis questões que, nesta matéria, os jovens levantam. Contudo, as reservas culturais da tradicional rusticidade lusitana apagam os defeitos existentes.

A complexidade da juventude, entalada entre a segurança e a felicidade do mundo infantil, onde as faltas eram supridas pela fantasia, e, a incerteza que o futuro trará, promove uma atitude tantas vezes ambivalente no jovem. O desconhecido estimula o jovem, projectando-o na busca de novas experiências e novas emoções. O futuro, incerto embora, atrai-o. Todavia, o medo de perder o aconchego do lar e o mimo que a família lhe proporcionou prende-o à infância. O passado atrai-o também. Por isso vemos frequentemente o jovem hesitante e inseguro flutuar entre pólos opostos sediados nos territórios do sonho e da realidade. É este o momento em que o rapaz ou a rapariga mais precisa de pais informados, serenos e tolerantes, mas firmes nas suas convicções. A arrogância e o autoritarismo são inimigas da autoridade e da confiança e só servem para aumentar ainda mais as dúvidas. Tal qual o jovem descobre o sexo, o adulto descobre a morte. E é exactamente no pórtico da vida adulta que a geração se renova. Os avós envelheceram, e, algures na esquina dum dia a carruagem pára finalmente e o homem volta a ser rei num leito de pau e de terra.